

A SOCIOLOGIA BRASILEIRA

Amir Mirim

bacharel em ciências sociais pela USP;
mestre em ciência política pelo IUPERJ;
sociólogo 1710/ SP; jornalista profissional 20479/ SP

A SOCIOLOGIA BRASILEIRA

A todos os estudantes de ciências sociais do Brasil,
que sempre precisaram e nunca dispuseram
de um manual amplo sobre a nossa produção teórica
na área e fornecesse pistas à definição de pesquisas e
projetos a partir da nossa peculiaridade.

À memória do Prof. Dr. Ruy Galvão de
Andrada Coelho (1919-1989), da FFLCH-
USP, com quem aprendi os primeiros passos.

CONTATOS

Site: www.socioetica.com.br

E-mail do autor: amir.mirim@socioetica.com.br

Facebook: Amir Mirim/ grupo Socioética/ página
Socioética

Google: Amir Mirim/ ética/ revolução ética/ ética no
Brasil/ ritos e rituais/ Socioética/ Familiarística/

Youtube: Amir Mirim

Endereço: Rua Primeiro de Maio, 566, Centro, Apiaí SP,
CEP 18320.000

“As instituições do casamento e registro civis com a secularização dos cemitérios darão ao país alguma coisa de positivo”. **Miguel Lemos**, 1881.

“Prenons la question de plus haut, et étudions l’ensemble de la population. La situation fonctionnelle de cette population peut se résumer d’un mot: le Brésil n’a pas du peuple”. **Louis Couty**, 1881.

“Brasil, pais de senhores, de grandes, de magnatas; mas terra sem povo, no alto sentido da palavra!”. **Silvio Romero**, 1888.

“O nosso jurismo, como o amor às concepções doutrinárias, são bem a demonstração do esforço por construir com a lei, antes dos fatos, uma ordem política e uma vida pública que os costumes, a tradição e os antecedentes históricos não formaram”. **Nestor Duarte**, 1936.

“Esse espanto em face da complexidade da existência brasileira, que leva os bem intencionados ao esforço cada vez maior de coleta e exame dos dados objetivos, com o que aumentam ainda mais a própria perplexidade”. **Álvaro Vieira Pinto**, 1959.

“Os Povos-Novos, dentre os quais se inclui o Brasil, (...) são povos em disponibilidade, uma vez que, tendo sido desatrelados de suas matrizes, estão abertos ao novo, como gente que só tem futuro com o futuro do homem”. **Darcy Ribeiro**, 1972.

“Novas pesquisas indicam que a família patriarcal não pode mais ser vista como a única forma de organização familiar do Brasil colonial e surge que a colocação do homem no centro de uma unidade doméstica, como regra, parece também ter sido uma ilusão”. **Mariza Corrêa**, 1982.

“De alguma maneira percebiam que o caminho brasileiro para a civilização não passava pelas direções apontadas pela Economia Política, embora não soubessem dizer exatamente por onde deveria passar”. **José Murilo de Carvalho**, 1988.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
A LEI GERAL DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA	29
1. A lei da teoria convergente.....	31
2. A estrutura tríplice da teoria social em geral.....	35
3. As instituições intermediárias.....	40
4. Estrutura das disciplinas mistas.....	42
5. As várias faces do enigma.....	48
6. O que está travando a saída?	54
7. Resumo da ideia principal.....	63
8. Consequências para o ensino e a pesquisa	65
A ESTRUTURA HISTÓRICA DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA	67
1. Introdução metodológica.....	69
2. Período A – I República (1881-1933 – Comtismo e raciologia	96
3. Período B – II, III e IV Repúblicas (1933-1955) – Familiologia.....	125
4. Período C – IV e V República (1955-1977) – Desenvolvimentismo.....	159
5. Período D – V e VI República (1977–) – Sociologia Convergente.....	184
6. Apresentação da estrutura histórica	216

OS DEZ TEMAS MAIS ESTRATÉGICOS DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA	229
Introdução metodológica.....	231
I. A sociologia convergente.....	242
II. A invenção epistêmica.....	253
III. A questão da ética e da dupla normatividade societária.....	265
IV. A família e o paradigma do patriarcalismo	277
V. A domesticação do Estado.....	290
VI. Ambiguidade institucional e crítica do liberalismo	302
VII. Desenvolvimento e modernização.....	312
VIII. A questão étnica	323
IX. Participação política popular e sociedade civil na base	334
X. A transformação histórica.....	345
Quadro dos temas, períodos e pensadores.....	357
O SENTIDO HISTÓRICO DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA	365
O sentido histórico	367
Crítica da historiografia sociológica	406
Diretrizes para a pesquisa.....	467
Bibliografia	489

INTRODUÇÃO

É a sociologia que contem a luz sobre o Brasil, não sei se a luz definitiva, mas aquela capaz de decifrar e iluminar o destino coletivo nos próximos séculos. Se não for essa ciência, qual seria a outra?!

Está, pois, mais do que na hora da sociologia brasileira tomar consciência de si mesma e reivindicar o posto principal no pódio das ciências sociais neste país. Desde que a disciplina surgiu entre nós, de meados do séc. XIX até a atualidade, já transcorreu bem mais de um século.

Uma longa e complexa lista de obras científicas de elevado valor teórico foi produzida nesse tempo. Entretanto ocupam lugar secundário nas grades curriculares dos cursos sociológicos e quase não possuem importância na programação das editoras de ciência.

Alguém poderia dizer que essa situação tão irrisória se deve à mania brasileira de valorizar demais a cultura estrangeira, o que acarreta o desprezo pela cultura interna.

Mas a lucidez mostra que não é isso, não. O que há é a ignorância sobre o que é feito aqui, o desconhecimento da nossa produção sociológica e, em consequência, o não desenvolvimento de uma tradição explícita e assumida.

Se alguém perguntar a um graduando em ciências sociais, já em final de curso, que sociólogo brasileiro ele conhece, talvez ele venha a mencionar vários nomes, mas,

quanto a obras lidas e estudadas, irá mencionar duas ou três. E se for mestrando ou doutorando, questionado se sua tese o fará “discípulo” de algum pensador brasileiro do presente ou passado, o provável é que considere a pergunta despropositada e sem sentido ou sequer a compreenda.

Se a mesma pergunta for feita a um estudante de último ano do ensino médio, existe a possibilidade, por mais espantosa que venha a ser, de ele responder que não conhece nenhum. Tomando por exemplo os textos didáticos da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, e que podem ser vistos como modelares no ensino da sociologia no Brasil, não há um único capítulo sequer sobre a sociologia brasileira.¹

Quais os pensadores que ocupam a posição principal? São sempre os europeus e norte-americanos. Os pensadores locais apenas comparecem de modo episódico, sem uma boa costura evolutiva, especialmente da gestação da concepção de Brasil feita por eles, e não são estudados para valer.

¹ EDUCAÇÃO, Secretaria de, **Caderno do professor: sociologia, ensino médio** – 1^a./ 2^a. 3^a. séries, vol. 1-4; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Maria Helena Teixeira de Souza Martins, Melissa de Matos Pimenta, Stella, Christina Schrijnemaekers; São Paulo: SEE, 2009. EDUCAÇÃO, Secretaria de, **Caderno do aluno: sociologia, ensino médio** – 1^a./ 2^a./ 3^a./ séries, vol. 1-4; os mesmos; São Paulo: SEE, 2009.

É culpa dos responsáveis? Não. No caso citado, os textos tem bom nível científico e didático, levando a uma visão ampla e completa da sociologia.

O problema é que a academia brasileira de ciências sociais não toma nunca a sociologia local como “base” da formação dos graduandos e pós-graduandos. E aí, mais tarde, quando estes vão produzir textos teóricos e científicos, amarram-nos a matrizes europeias e norte-americanas, como se a sociologia brasileira praticamente inexistisse.

É uma situação difícil e não dá, neste prefácio, para fazer a análise minuciosa das causas. Um ponto chave é que a academia até hoje não se preocupou em desenvolver uma historiografia regular do pensamento social local, sendo essa produção uma coisa errática e difusa. Outro ponto é que os orientadores de pós-graduação tentam de todas as maneiras amarrar a si próprios os orientandos e não à sociologia brasileira, inconscientes que são a respeito dela.

Como pode o Brasil prezar e mesmo amar sua sociologia se nem sequer sabe seu conteúdo ou o que tem de diferente e especial frente às sociologias europeias e norte-americanas?! Como pode se entusiasmar por algo em cuja beleza e profundidade nunca mergulhou e de que sequer usufruiu?!

Impossível.

O que a sociologia brasileira tem de próprio? O que tem de melhor que a sociologia estrangeira? O que

tem de tão especial e rico que só mesmo aqui esse “o que” poderia ter nascido?

Quem sabe responder a essas perguntas?

Ninguém.

Nem mesmo nossos melhores sociólogos sabem o quão boa é a ciência social que eles próprios estão praticando. E se alguém perguntar a um sábio na área – um sábio verdadeiro, um mestre profundo, pois eles existem! – o que de precioso se esconde na sua produção científica, existe a possibilidade, espantosa!, de que sinta uma certa vergonha de se vangloriar e não saiba o que dizer.

Pois bem, a finalidade maior, mais séria e preciosa do presente livro é criar essa consciência no meio sociológico do Brasil. Fazer o pensamento epistêmico-social local olhar a si mesmo, de uma maneira profunda e rigorosa, e de um modo tal que se torne um momento inesquecível, gerando uma luz íntima tão poderosa e certa que nunca mais venha a se apagar.

É uma obra de história científica do pensamento sociológico brasileiro, empreendida com o máximo de rigor e precisão. Embora tenha o recorte mais afiado possível para uma história das ideias, é assumidamente um manual, redigido para a aprendizagem da sociologia brasileira.

Uma das suas características é que desenha dela um panorama expressamente voltado a viabilizar ao estudante e pós-graduando identificar os “problemas-

chaves”, para poder tomá-los como diretrizes da sua tese e sua linha de pensamento, de modo que esta venha a se integrar na construção consciente e assumida da sociologia local.

Tem por início o ano de 1881, data da institucionalização da sociologia comtista no Brasil, com a fundação da Igreja Positivista do Brasil no Rio de Janeiro; e por final o ano de 1988, data de publicação do livro do sociólogo paulista Eder Sader, o último analisado neste livro.

Esta obra faz a análise portanto de 107 anos de sociologia, abrangendo 43 pensadores.

Foram estudadas uma ou duas obras importantes de cada pensador e que tivessem por objeto o estudo do Brasil como sociedade global, não todas e nem estudos específicos desta ou daquela dimensão da realidade social.

Tal critério metodológico permitiu não apenas a visão de totalidade da sociologia interna, como também a captação sequencial das análises feitas sobre os problemas do Brasil, facultando captar o lento mas firme progresso nos diagnósticos causais e na proposta de soluções estruturais e processuais.

O trabalho é dividido em quatro grandes seções, cujo conteúdo obedece aos seguintes passos:

- 1) Apresentação prévia da “lei geral” da sociologia brasileira, denominada como “lei da teoria convergente”, a qual evidencia que ela vem buscando, ao longo de mais de século, uma teoria capaz de articular explicações para os

graves problemas advindos de falhas estruturais na conexão entre família, economia e política, em que a explicação sobre o processo familiar constitui o ponto mais fraco e até hoje não resolvido.

2) Os quatro períodos em que se divide a história epistêmico-social brasileira e as linhas paradigmáticas que caracterizam cada período, a saber: (Período A) I República, de 1981 a 1933, paradigmas: Comtismo e Raciologia; (Período B) II-III-IV Repúblicas, de 1933 a 1955, paradigma: Familialogia; (Período C) IV - V Repúblicas, de 1955 a 1977, paradigma: Desenvolvimentismo; (Período D) V-VI Repúblicas, de 1977 em diante, paradigma: Sociologia Convergente.

3) A exposição dos conteúdos das obras analisadas dos 42 pensadores, agrupados nos quatro períodos, mas apresentados de maneira individualizada, com grau razoável de detalhe e estrita fidelidade à conceituação usada por cada pensador, sem qualquer pré-julgamento. Ao final de cada período é feita a análise de conjunto, e é quando, como autor, procedo então à avaliação sobre o pensamento social do período, porém dentro de um encadeamento lógico-indutivo, conforme a metodologia científica consagrada.

4) A estrutura histórica das linhas de pensamento e das temáticas. Uma vez feitas as análises por períodos, todas as conclusões alcançadas são então reunidas e expostas em dois gráficos de fluxo temporal ou

cronológico, viabilizando uma visão total e de conjunto da sociologia brasileira.

O primeiro é um gráfico epistêmico, que traz os focos disciplinares ou científicos que caracterizaram cada período, em dois níveis, o paradigmático (ou dominante) e o independente. O segundo é um gráfico temático, em correspondência rigorosa com o gráfico epistêmico, mas que apresenta os conteúdos das análises sociológicas de cada período, também em dois níveis, o paradigmático e o independente.

5) Os dez temas mais estratégicos. Nessa seção, apresento dez micros ensaios especiais sobre os temas mais relevantes tratados pela sociologia brasileira, a saber:

I. A sociologia convergente; II. A invenção epistêmica; III. A questão ética e a dupla normatividade societária; IV. A família e o paradigma do patriarcalismo; V. A domesticação do Estado; VI. A ambiguidade institucional e a crítica do liberalismo; VII. Desenvolvimento e modernização; VIII. A questão étnica; IX. Participação política popular e sociedade civil na base; X. A transformação histórica.

O critério para a seleção dos temas foi estratégico, a partir da contribuição de cada um para a elucidação do “enigma epistêmico” da sociologia brasileira, ou seja, para o êxito na elaboração de uma teoria convergente que seja capaz de explicar e solucionar os problemas detectados na conexão entre os processos familiares, antropológicos e políticos, no Brasil.

6) O sentido histórico, com a formulação de uma solução para a lei da teoria convergente, a detecção final da direção científico-teórica para a qual aponta a sociologia local, tendo em vista a solução do “problema não resolvido” que há mais de século vem afligindo a sociologia brasileira.

O enigma epistêmico da sociologia brasileira será resolvido caso ela consiga formular uma ciência social aplicada, na qual a ética surja como resultado da ritualística civil da sociedade.

Este é o ponto fulcral de toda a obra: a cuidadosa análise feita mostra que o Brasil sofre os efeitos de uma desritualização familiar que vem dos tempos coloniais e que gera uma complexa desregulação ético-moral dos costumes, assim tornando inoperante a conexão entre a família, a economia e a política.

Tal é, pois, o conteúdo essencial do livro.

Ele possui características formais muito próprias:

(a) todo o processo de elaboração do pensamento sociológico brasileiro é vinculado a uma “lei geral”, estabelecida com clareza e simplicidade conceitual;

(b) o desenvolvimento do livro constitui uma demonstração dessa lei;

(c) a organização das seções obedece a um enquadramento estrutural explícito, conforme metodologia exposta com evidência;

(d) toda a história das ideias é repartida em alguns poucos períodos, cada qual exposto segundo uma ordem bem formalizada;

(e) as conclusões são sistematizadas em gráficos de fluxo;

(f) são fixados dez temas que fornecem dez ângulos distintos de leitura do processo epistêmico-sociológico;

(g) essa composição estrutural resulta ao final na detecção do sentido global que rege a história da sociologia no Brasil.

O recorte científico é assim muito rigoroso. A história da sociologia brasileira é apresentada tanto de modo sequencial quanto de modo estrutural. Depois, procede-se à sua decupagem em dez temáticas, dentro de cada qual é retomada a história sequencial, como dez micro-histórias especiais no interior de uma macro-história geral, mas todas evoluindo para um fulcro central.

Não estou sobrepondo o meu olhar em relação ao conteúdo da obra. Os passos do trabalho são efetivamente esses aí relatados, com as conclusões indicadas exatamente conforme vem obtidas e expostas no desenvolvimento do livro.

Esse modo de elaborar história – e no caso uma história de ideias – é muito diferente do modo usual, dos livros de história a que o meio intelectual e acadêmico está acostumado. No formato tradicional impera a narração, mesmo quando essa narração é pautada por uma

metateoria interpretativa (como no caso das histórias marxistas).

Aqui não há narração. O que há são justaposições de textos histórico-cronológicos com textos analíticos, ambos internos a amplos quadros de tipo estrutural, como um edifício, em que a ordem das partes é fixada de modo harmonioso, porém obedecendo a uma arquitetônica bem definida.

Tanto a metodologia epistêmica usada para organizar este livro de história sociológica, quanto os diagnósticos e conclusões alcançados, trazem resultados absolutamente surpreendentes. Aliás, o foram inclusive para mim, como autor, na medida em que os cuidados metodológicos tomados visavam garantir ao máximo a marcha indutiva, submetendo a esta marcha a elaboração e obtenção dos diagnósticos e soluções.

A leitura do livro poderá levar à objeção de que a “lei geral” postulada para a sociologia brasileira foi estabelecida no início da obra. Uma vez que o seu desenvolvimento constitui a demonstração daquela lei, o que houve teria sido então a acomodação do processo histórico-sociológico a ela.

Isto é, como autor eu apenas teria encontrado nesse processo algo que já havia previamente postulado, em um círculo vicioso comprometedor da cientificidade histórica pretendida.

Não é bem assim. A “lei geral” – chamada de “lei da teoria convergente” – é postulada no início do livro (1ª.